

JULIA ALVES BRASIL & ROSA CABECINHAS

juliaalvesbrasil@gmail.com; cabecinhas@ics.uminho.pt

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE
(CECS), UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: RELAÇÕES (PÓS)COLONIAIS E A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA AMÉRICA LATINA

RESUMO

A partir do diálogo entre perspectivas dos Estudos Culturais e da Psicologia Social, objetivou-se, neste estudo, analisar as (meta)representações sociais de brasileiros, chilenos e mexicanos sobre a América Latina e os latino-americanos. Para tanto, realizou-se um inquérito com 213 estudantes universitários entre 18 e 35 anos, através de questionário online. A análise dos dados permite argumentar que, apesar da variedade de elementos evocados e da existência de especificidades nacionais, destacam-se vários aspectos comuns. Observou-se que, ainda que envolvessem elementos de cunho positivo e negativo, as representações sociais dos participantes acerca da América Latina foram mais centradas na diversidade (*cultural, racial, natural*) da região, consensualmente considerada positiva. Já as suas representações sociais sobre os latino-americanos tiveram como elementos mais centrais a alegria e a simpatia. Quanto ao que acreditam que os Outros pensam sobre a região e os seus habitantes, estas metarrepresentações foram constituídas, sobretudo, por estereótipos negativos, focados, por exemplo, na pobreza e na violência, e em aspectos relativos à expressividade e à falta de instrumentalidade, responsabilidade e autonomia dos latino-americanos. Os resultados permitem refletir sobre as relações entre identidades e representações sociais e sobre as (des)continuidades presentes nas relações (pós)coloniais entre os países da América Latina e demais partes do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

América Latina; processos identitários; relações pós-coloniais;
representações sociais

INTRODUÇÃO

O processo de construção identitária dos indivíduos se dá a partir de imbricadas relações com as representações sociais, visto que estas

contribuem para a identificação e a diferenciação grupal, influenciando as relações intergrupais, assim como as identidades sociais atuam na (re)produção de diferentes representações sociais, em função das inserções dos indivíduos (Breakwell, 1993; Deschamps & Moliner, 2009; Howarth, 2002). Assim, ao falarmos sobre a pertença psicológica (Tajfel, 1981) de indivíduos a diferentes grupos nacionais e/ou supranacionais (como a América Latina), devemos buscar analisar como eles os representam, visto que “as nações [e os grupos supranacionais], para além de entidades políticas e territoriais, são também coletividades representadas” (Cruz & Arruda, 2008, p. 789).

Desse modo, as identidades se desenvolvem não apenas a partir de autodefinições e identificações, mas também a partir da comparação com a forma como os Outros nos representam, num processo que envolve demarcação de fronteiras de pertencimento e exclusão (Hall, 1996). Sobre tudo no caso de grupos minoritários¹, tais demarcações podem levar à disseminação de representações e práticas estigmatizantes (Howarth, 2006) e à essencialização destas categorias sociais (Wagner, Holtz & Kashima, 2009), que pode chegar ao afastamento destes grupos da categoria *humanos*, aproximando os seus membros dos outros animais e da natureza (Marcu & Chrysochoou, 2005; Pérez, Moscovici & Chulvi, 2002). Tal diferenciação extrema entre os grupos (ainda que por vezes feita de formas “sutis” e por meio de estereótipos “positivos”) pode se dar, principalmente, pelo processo de ontologização (Pérez et al., 2002), mediante a associação de atributos mais ligados à cultura (como, razão e autonomia) ao endogrupo², geralmente, um grupo dominante, e de atributos mais associados à natureza (como, docilidade e dependência emocional) ao exogrupo, em geral, um grupo minoritário (Deschamps, Vala, Marinho, Lopes & Cabecinhas, 2005). Essa aproximação do Outro à animalidade e à natureza é um processo que fez parte da construção da América Latina³ (Jahoda, 1999), desde o “primeiro encontro” com os europeus que chegaram a este

¹ De notar que a expressão “grupo minoritário” não se refere necessariamente a grupos minoritários em termos numéricos, mas sim em termos simbólicos, correspondendo a grupos privados de poder ou com baixo estatuto social percebido.

² Conforme pressupostos da Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1981), as expressões *endogrupo* (*ingroup*) e *próprio grupo* referem-se ao grupo de pertença dos indivíduos; e as expressões *exogrupo* (*outgroup*) e *grupo de relação* referem-se aos outros grupos de comparação.

³ Para mais informações sobre o processo de construção da América Latina, ver: Bethell, 1990; Burns e Charlip, 2002; Williamson, 2009. Além disso, para mais discussões acerca do conceito de América Latina e sobre os países que a compõem, ver: Brasil, 2017; Farret & Pinto, 2011; Organização das Nações Unidas, 2016.

território, de forma que “a questão do Outro” (Todorov, 1983) ocupa um lugar fundamental nessa construção e remonta a formas mais antigas de se relacionar com este Outro.

Diante dessas considerações, nesta investigação associamos recursos teóricos dos Estudos Culturais e da Psicologia Social. No que respeita aos Estudos Culturais (por exemplo, Canclini, 2010; Hall, 1996; Quijano, 2005), empregamos especialmente discussões dos Estudos Pós-Coloniais (por exemplo, Bhabha, 1990), que pressupõem um olhar crítico e contestador de narrativas prévias legitimadoras de relações de poder e dominação, e evidenciam continuidades do colonialismo como forma de relação social (Quijano, 2005; Santos, 2004). Da Psicologia Social, empregamos principalmente a Teoria da Identidade Social (TIS) (por exemplo, Tajfel, 1981) e a Teoria das Representações Sociais (TRS) (por exemplo, Moscovici, 1961/2004).

Segundo a TIS, compreendemos a identidade social como um processo relacional, podendo os indivíduos possuir tantas identidades quantos sejam os grupos sociais aos quais consideram pertencer (Tajfel, 1981). Segundo a TRS, as representações sociais são formas de saber do senso comum sobre diferentes objetos sociais, que permitem explicar a realidade, auxiliando na elaboração de comportamentos e facilitando os processos comunicativos (Moscovici, 1961/2004). Utilizamos neste estudo a abordagem estrutural da TRS ou Teoria do Núcleo Central (TNC) (Abric, 1993, 1998). De acordo com essa perspectiva, as representações sociais se organizam internamente a partir de um núcleo central e um sistema periférico, que são complementares e interligados. O núcleo central é constituído dos elementos mais estáveis e consensuais das representações sociais. Já o sistema periférico apresenta elementos mais flexíveis, sensíveis a mudanças e ao contexto imediato, comportando contradições, experiências individuais, portanto, a heterogeneidade do grupo (Abric, 1993).

Dessa forma, neste estudo objetivamos analisar as representações e as metarrepresentações sociais de mexicanos, chilenos e brasileiros sobre a América Latina e os latino-americanos. Ou seja, buscamos compreender o que indivíduos destes três países pensam sobre a América Latina e os latino-americanos e o que acham que quem não é da América Latina pensa sobre a região e sobre as pessoas que dela procedem.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram nesta investigação 213 estudantes de cursos de graduação e pós-graduação de três países latino-americanos (54 mexicanos, 47 chilenos e 112 brasileiros), com idades entre 18 e 35 anos (64,32% mulheres; idade $M = 25,43$, $DP = 3,83$). Constituíram-se, portanto, como amostras de conveniência, de forma que os resultados aqui apresentados não podem ser generalizados às populações destes países e da América Latina como um todo.

PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DOS DADOS

Utilizou-se como instrumento de recolha dos dados um questionário online, que continha, dentre outras perguntas, quatro questões de evocação livre: duas a partir do termo indutor *América Latina* e duas com o termo indutor *latino-americanos*. A primeira questão de evocação sobre cada um destes termos referia-se às representações sociais que os respondentes possuíam sobre a América Latina e os latino-americanos, a partir da(s) pergunta(s): “o que você pensa, sente, imagina quando se fala em *América Latina/latino-americanos*? Escreva cinco palavras ou frases que vêm à sua cabeça”. Já a segunda questão era relativa às metarrepresentações, às crenças de brasileiros, mexicanos e chilenos sobre como as pessoas que não são da região representam a América Latina e os latino-americanos, por meio da(s) pergunta(s): “O que você acha que as pessoas que não são da América Latina pensam sobre a *América Latina/os latino-americanos*? Escreva cinco palavras ou frases que vêm à sua cabeça”. Após cada uma destas questões pedia-se aos respondentes para avaliarem como positivas ou negativas as expressões que haviam evocado, usando uma escala que variava de um (muito negativo) a sete (muito positivo).

Após as questões de evocação, havia perguntas abertas sobre os porquês destas respostas. Porém, neste estudo, não os analisaremos pormenorizadamente, mas os utilizaremos como fonte de contextualização das respostas e melhor embasamento das análises. Ressalta-se, ainda, que os instrumentos foram adaptados para o Português e o Espanhol, segundo os países considerados.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Utilizou-se o software IBM SPSS Statistics 20 para análises de estatística descritiva com relação aos dados sociodemográficos e às avaliações

dos termos evocados. Para o tratamento dos dados referentes às questões de evocação livre, utilizou-se o software EVOC 2003 (Vergès, 2000), que organiza os dados segundo a média da ordem de evocação e da frequência absoluta das palavras mencionadas, gerando quatro quadrantes que constituem a estrutura dessas representações sociais, conforme pressupostos da TNC (Abric, 1993). Desse modo, o primeiro quadrante constitui o núcleo central e concentra elementos evocados de forma mais frequente e entre as primeiras posições; o segundo quadrante corresponde à chamada periferia próxima ou primeira periferia, com elementos que não foram tão prontamente evocados, mas que tiveram alta frequência; o terceiro quadrante se constitui como a zona de contraste, e envolve elementos mais prontamente lembrados, contudo, de forma menos frequente; e o quarto quadrante, que constitui a periferia distante ou segunda periferia, contém elementos evocados com menor frequência e de maneira não imediata (Wachelke & Wolter, 2011).

No âmbito deste trabalho, abordaremos apenas os elementos comuns ao núcleo central das três amostras, destacando, também, alguns componentes do sistema periférico dessas representações e particularidades de cada amostra, que possam auxiliar nas nossas reflexões. A descrição detalhada de todos os elementos presentes nos quadrantes encontra-se em trabalho anteriormente publicado (Brasil, 2017).

RESULTADOS

O QUE “NÓS” PENSAMOS SOBRE A AMÉRICA LATINA E OS LATINO-AMERICANOS

Os elementos comuns ao núcleo central das representações sociais dos participantes sobre a América Latina são: “diversidade” e “diversidade cultural”. Quando os participantes evocavam apenas a palavra *diversidade*, de forma mais geral, mantivemos essa nomeação. Quando utilizavam expressões referindo-se às riquezas culturais e à diversidade cultural, codificamo-las como “diversidade cultural”. Quando as respostas eram relativas às riquezas e à diversidade de paisagens naturais, as agrupamos na categoria “natureza”. E, quando os participantes se referiam às misturas raciais, à miscigenação (termo mais usado pelos brasileiros) ou à mestiçagem (termo mais usado pelos chilenos e mexicanos), agrupamos sob a categoria “mestiçagem”⁴. Porém, estas categorias têm em comum a referência a di-

⁴O elemento “mestiçagem” foi positivamente avaliado nos três países e esteve presente no núcleo central das representações dos chilenos e na zona de contraste das representações de brasileiros e

ferentes faces da diversidade, ramificando-se em diferentes elementos no campo representacional.

Outros elementos positivamente avaliados também destacados nas representações dos estudantes são: “alegria” (núcleo central no Brasil e zona de contraste no Chile e no México); “simpatia”, que envolve também cordialidade e receptividade (núcleo central no México, primeira periferia no Brasil e segunda periferia no Chile); “resistências e lutas” (zona de contraste no Chile e segunda periferia no Brasil e no México) para superar dificuldades existentes na região; elementos relativos ao “clima tropical” presente em grande parte da região (núcleo central no Brasil e segunda periferia no México); além de evocações referentes à presença e qualidade da sua “dança e música” (também no núcleo central no Brasil e na segunda periferia no México), ao “futebol” (periferia distante no Chile), bem como à “comida” (primeira periferia no México e periferia distante no Brasil), às “cores” (zona de contraste no Chile e segunda periferia no Brasil), e às “festas” (zona de contraste no México e periferia distante no Brasil).

Ao lado dos elementos positivos no núcleo central dessas representações, convivem elementos negativos, que, apesar de diferentes em cada país, estão associados entre si e também a demais elementos presentes na periferia destas representações. Dessa forma, o “subdesenvolvimento” (núcleo central no Brasil, zona de contraste no Chile e periferia distante no México), está intimamente relacionado às “desigualdades” – social, econômica, etc. – (núcleo central no Chile, primeira periferia no Brasil e segunda periferia no México), à “pobreza” (segunda periferia no Brasil e no México e zona de contraste no Chile) e à “violência” (segunda periferia no Brasil e no México) e todos estes são processos que se intensificam com a “corrupção” (núcleo central no México, zona de contraste no Chile e periferia distante no Brasil) nestes países.

Os respondentes também destacam diferentes momentos da história da região, como a “colonização” (zona de contraste no Brasil e segunda periferia no México) e as suas consequências. Assim, de acordo com os participantes, a exploração (dos indivíduos e da natureza) não é exclusividade do período colonial, existindo, mesmo que de outras maneiras, nos dias atuais, nos quais há, ainda, uma relação de “colonialidade” (núcleo central do Chile e segunda periferia no Brasil e no México). Tal colonialidade se traduz, segundo os estudantes que a mencionaram, em relações de

mexicanos. Podem existir diferentes compreensões acerca deste conceito: como indicativo de mistura racial ou de uma mistura que engloba não apenas a ideia de raça, mas também a cultura. Para discussões sobre o conceito de mestiçagem, ver: Almeida (2000), Amado (2012) e Anzaldúa (1987).

dependência, de subalternidade para com países mais poderosos no cenário atual, sobretudo os Estados Unidos da América (EUA), fazendo com que a América Latina se configure como “uma colônia informal das potências econômicas”, pois “ainda continua tentando ser o Ocidente depois de 200 anos de grandes fracassos”, segundo palavras de dois estudantes mexicanos, por exemplo.

Com relação às representações sociais dos participantes sobre os “latino-americanos”, os elementos que possivelmente constituem o núcleo central são: “alegres” e “simpáticos”, ambos com avaliações muito positivas. Associados a eles, outro elemento, positivamente avaliado, que também compõe o núcleo central das representações dos brasileiros e mexicanos é “trabalhadores”, o qual aparece na zona de contraste no Chile. Além destes elementos positivos em comum, outros também estão presentes tanto no núcleo central quanto no sistema periférico nas três amostras, como a “diversidade” (zona de contraste nos três países) e a “diversidade cultural” (primeira periferia no Brasil e no México e segunda periferia no Chile). Ademais, um elemento de cunho positivo muito evocado foi a capacidade dos latino-americanos para resistir às dificuldades, tornando-os “lutadores” (primeira periferia nas três amostras).

Globalmente, tanto o que pensam sobre a América Latina quanto sobre os latino-americanos envolve elementos similares, positivos e negativos, ainda que, com relação às pessoas da região, sejam elencados mais itens positivamente avaliados do que com relação ao território.

O QUE OS “OUTROS” PENSAM SOBRE A AMÉRICA LATINA E OS LATINO-AMERICANOS

No que respeita às metarrepresentações dos participantes acerca da América Latina, ou seja, sobre o que acham que quem não é da América Latina pensa acerca da região, os elementos que possivelmente constituem o núcleo central são: “pobreza” e “violência”. Tais elementos são acompanhados por outros de cunho negativo, não apenas no núcleo central, mas também no sistema periférico, como: “subdesenvolvimento” (núcleo central no Chile e no México e primeira periferia no Brasil), “desigualdade” (segunda periferia no Brasil e no Chile), “atraso” – econômico, social e cultural (zona de contraste no Brasil e no México), “objetificação do corpo/conteúdo sexual” (primeira periferia no Brasil e segunda periferia no Chile e no México), “ignorância” (núcleo central no Brasil, primeira periferia no México e segunda periferia no Chile), e “selvagem/não civilizada” (periferia próxima no Brasil e periferia distante no Chile).

Também estão presentes alguns dos elementos positivos evocados com relação ao que eles próprios pensam sobre a América Latina, como: “alegria” (primeira periferia no Brasil, zona de contraste no México e segunda periferia no Chile), “simpatia” (núcleo central no Chile e periferia próxima no Brasil e no México), “dança/música” (periferia próxima no Brasil e no Chile e periferia distante no México), “festas” (núcleo central no México e no Brasil e zona de contraste no Chile) “clima tropical” (primeira periferia no Brasil e segunda periferia no México) e “turismo” (núcleo central no Brasil e no Chile e periferia distante no México). Entretanto, a maior parte destes elementos possuíram avaliações mais positivas quando se referiram às representações dos participantes sobre o objeto investigado. Ao se relacionarem ao que acham que os outros pensam sobre a América Latina, alguns passam a ter avaliações mais próximas do valor “neutro” da escala – como os elementos “natureza, festas e clima tropical”, especialmente na amostra brasileira.

No que respeita ao que os respondentes acreditam que quem não é da América Latina pensa sobre os indivíduos da região, destacam-se também os elementos: “alegres” e “simpáticos”, contudo, acompanhados pelo elemento (negativamente avaliado) “pobres”. Os participantes também consideram que os latino-americanos são representados como “violentos, delinquentes e perigosos” (núcleo central no Brasil e no Chile e primeira periferia no México), “ignorantes” (núcleo central no México e primeira periferia no Brasil e no Chile) e “preguiçosos” (núcleo central no Brasil e no México e zona de contraste no Chile), todos elementos negativamente avaliados. Ademais, acreditam ser representados como “festeiros” (núcleo central no Brasil e no México e segunda periferia no Chile), elemento com avaliações próximas aos quatro valores na escala utilizada; e “atraentes/sensuais” (núcleo central no Brasil, zona de contraste no México e segunda periferia no Chile), categoria análoga à “objetificação do corpo/conteúdo sexual”, e que contém respostas referentes à aparência, fisicalidade, sexualidade e sensualidade e, sobretudo, ao “corpo da mulher” e à sua “disponibilidade sexual” (avaliação média negativa, especialmente entre participantes brasileiros).

Finalmente, com relação às razões pelas quais evocaram estes elementos, os respondentes frisaram aspectos relativos ao processo de construção da região, especialmente ao seu passado colonial e a algumas continuidades ainda presentes em diferentes países latino-americanos, envolvendo diversos fatores, como história, cultura, política, economia, geografia, além de também ressaltarem o papel dos media na difusão de estereótipos negativos sobre a América Latina em outras partes do mundo.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados permitiu identificar algumas especificidades nacionais. Por exemplo, entre respondentes brasileiros, notam-se elementos que remetem tanto a um posicionamento como parte do endogrupo (América Latina), compartilhando elementos também evocados pelos participantes chilenos e mexicanos, quanto elementos que parecem se relacionar a um afastamento da região, e a uma projeção de características do subgrupo (Brasil) no grupo supranacional (América Latina) (Wenzel, Mummendey & Waldzus, 2007). Tais resultados refletem o histórico distanciamento deste país com relação aos demais países latino-americanos (Onuki, Mouron & Urdinez, 2016). Já os participantes chilenos parecem partilhar mais representações sociais polêmicas (Moscovici, 1988) sobre a América Latina, ao destacarem elementos mais críticos sobre o processo de construção da região. E, entre os respondentes mexicanos, houve mais evocações de termos referentes à identificação destes indivíduos com a região (no sistema periférico), além de termos específicos às metarrepresentações nessa amostra, como “fragilidade econômica, pouca tecnologia, migrações e homogeneização”, que podem estar associados às suas relações com os EUA, exogrupo dominante, em relação ao qual há um constante processo de comparação social (Tajfel, 1981).

Apesar das especificidades nacionais, destacaram-se vários aspectos comuns. Verificou-se, nos três países, a presença de elementos relativos a representações hegemônicas (Moscovici, 1988) sobre a América Latina e os latino-americanos, constituídas por estereótipos positivos e negativos sobre estes objetos sociais. Apesar da existência de elementos mais consensuais no núcleo central dessas representações, observam-se, ainda, representações sociais polêmicas (Moscovici, 1988), especialmente no sistema periférico, com elementos que indicam uma valorização da história e dos habitantes da região, associados a outros que se configuram como uma denúncia da permanência de processos de colonialidade do poder (por exemplo, Grosfoguel, 2008; Quijano, 2005), do ser e do saber (por exemplo, Maldonado-Torres, 2007), e que, por vezes, se fazem presentes também de forma mais central, como no caso da amostra chilena.

Houve mais elementos positivamente avaliados nas representações dos participantes sobre o próprio grupo supranacional do que com relação às representações que eles pensam que quem não é da América Latina compartilha sobre o seu grupo. A diferença na avaliação destes elementos deve-se ao fato de que, nas metarrepresentações, esses aspectos se tornam ainda mais estereotípicos. Há uma essencialização (Wagner et al., 2009)

das características relacionadas à região e aos indivíduos que dela provêm, conferindo a eles atributos mais ligados à natureza, conforme evidenciado, por exemplo, nos elementos “ignorantes, selvagens” e, ainda, nos termos ligados à categoria “objetificação do corpo/conteúdo sexual”, que remetem às representações historicamente associadas às mulheres latinas, sobretudo, as brasileiras, como sugerem os participantes, percebendo-as como um “corpo colonial” (Gomes, 2013; Oliveira, Cabecinhas & Ferin-Cunha, 2011), hiperssexualizado e disponível.

De forma geral, os resultados se assemelham àqueles encontrados em estudos envolvendo diferentes grupos minoritários, em contextos variados (por exemplo, Bonomo & Souza, 2013; Cabecinhas & Amâncio, 2004). Desse modo, tanto nas representações quanto nas metarrepresentações, há elementos que associam os latino-americanos à expressividade, à sociabilidade positiva e ao exotismo. Ademais, especialmente nas metarrepresentações, há elementos referentes à instrumentalidade negativa, além de degeneração e vícios. No entanto, entre as representações dos participantes sobre a América Latina e os latino-americanos, destacam-se, também, elementos que remetem à força, resistência e persistência para lutar contra as adversidades, e elementos referentes à solidariedade grupal (Cabecinhas & Amâncio, 2004).

Há, portanto, por parte destes indivíduos, um reconhecimento dos estereótipos negativos usualmente direcionados ao endogrupo (evidenciados nas metarrepresentações) e da sua condição minoritária no cenário mundial. Porém, face ao reconhecimento do seu pertencimento a um grupo ao qual foram historicamente dirigidos estereótipos negativos, relacionados, sobretudo, à animalidade e à infantilidade (Jahoda, 1999), os indivíduos buscam ressignificar estes estereótipos negativos, para garantir a distintividade positiva do seu grupo (Tajfel, 1981). Por exemplo, a *diversidade*, elemento central nas representações sociais dos participantes sobre a América Latina, é um aspecto que deriva da ideia da “mistura” (social, cultural, racial), que, durante o período colonial, portava uma ideia de impureza e degeneração, funcionando como base para explicar as representações compartilhadas acerca dos povos colonizados, por meio de elementos, como preguiça, corrupção, falta de aptidão intelectual, entre outros (Jahoda, 1999; Jovchelovitch, 2012). Entretanto, conforme discute Jovchelovitch (2012), sobretudo a partir de meados do século XIX, novas representações foram articuladas, de modo a enfatizar o potencial criativo e a sociabilidade que vêm dessa mistura das diferenças. Desenvolveram-se, assim, narrativas históricas sobre a construção dessas novas nações independentes,

fazendo com que a ideia da mestiçagem se tornasse o mito fundacional dessas “comunidades imaginadas” (Anderson, 1983/2008), de modo que “*mestiço* se tornou sinônimo de latino-americano” (Amado, 2012, p. 448). Contudo, ressalta-se que tal ideia da “mistura” e da pluralidade, envolvendo uma suposta convivência harmônica entre diferentes Outros, pode esconder também um racismo disfarçado e um processo de exclusão social de diferentes grupos, como negros e indígenas, mediante a justificativa da hibridação ou mestiçagem (Barabas, 2000; Jovchelovitch, 2012), como, muitas vezes, ocorreu durante a história dos países latino-americanos.

Assim, a construção da América Latina como uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1983/2008) envolve relações polêmicas e ambíguas entre diferentes atores sociais, e entre diferentes categorias e conceitos, como classe social, raça, gênero, sexualidade, entre outros, que se intersectam na construção dos grupos nacionais e supranacionais, em meio a relações de poder (Bhabha, 1990; Wade, 2001) e a partir de negociações entre continuidades e mudanças, entre passado e presente (Brasil & Cabecinhas, 2017), entre consenso e dissenso, entre identificação e exclusão, entre “Nós” e “Outros”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu refletir sobre as relações entre identidades e representações sociais, apresentando diferentes (re)construções acerca da América Latina enquanto categoria social de pertença. Possibilitou, ainda, evidenciar (des)continuidades relativas ao passado colonial da região e que tiveram/têm grande influência no processo de construção dos países latino-americanos (Brasil & Cabecinhas, 2017).

Nesse sentido, sublinha-se que, apesar de algumas transformações nos estereótipos negativos atribuídos a diferentes grupos minoritários, e, especificamente, aos latino-americanos, muitos dos significados relacionados a eles ainda se mantêm, porém de formas mais “sutis”. Desse modo, faz-se necessário conhecer os Outros por eles mesmos, compreendendo suas representações sociais sobre seus próprios grupos, a fim de possibilitar maior empatia e compreensão sobre a perspectiva do Outro (Sammut, 2010). Assim, será possível desenvolver novas representações e práticas sociais dirigidas a estes grupos, que não impliquem um encobrimento do Outro (Dussel, 1993), mas a possibilidade de redescobri-lo (Jovchelovitch, 2002), por meio do respeito e do diálogo intercultural. Esperamos que este estudo tenha contribuído para ouvir o que estes latino-americanos pensam

sobre eles mesmos e discutir sobre permanências e transformações envolvidas nessas representações, que também influenciam nas vivências dos indivíduos.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1993). Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations*, 2(2), 75-78. Retirado de http://www.psych.lse.ac.uk/Psr/PSR1993/2_1993Abric.pdf
- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Almeida, M. V. (2000). *Um mar cor de terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Amado, M. L. (2012). The “new mestiza”, the old mestizos: contrasting discourses on mestizaje. *Sociological Inquiry*, 82(3), 446-459. DOI: 10.1111/j.1475-682X.2012.00411.x
- Anderson, B. (1983/2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands. La frontera – the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Book.
- Barabas, A. M. (2000). La construcción del indio como bárbaro: de la etnografía al indigenismo. *Alteridades*, 10(19), 9-20. Retirado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74701902>
- Bethell, L. (1990). *Historia de América Latina*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Bhabha, H. K. (1990). *Nation and narration*. Londres: Routledge.
- Bonomo, M. & Souza, L. de (2013). Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31(2), 402-418. Retirado de <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v31n2/v31n2a08.pdf>
- Brasil, J. A. (2017). *América Latina em foco: processos identitários e representações sociais entre latino-americanos migrantes e não migrantes*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- Brasil, J. A. & Cabecinhas, R. (2017). Social Representations of Latin American History and (Post)Colonial Relations in Brazil, Chile and Mexico. *Journal of Social and Political Psychology*, 5(2), 537-557. DOI: 10.5964/jsp.1512.701
- Breakwell, G. M. (1993). Social representations and social identity. *Papers on Social Representations*, 2(3), 198-217. Retirado de http://www.psych.lse.ac.uk/Psr/PSR1993/2_1993Brea2.pdf
- Burns, E. P. & Charlip, J. A. (2002). *Latin America: a concise interpretative history*. Nova Jérícia: Pearson Education.
- Cabecinhas, R. & Amâncio, L. (2004). *Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas*. Comunicação apresentada no V Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Universidade do Minho, Braga.
- Canclini, N. G. (2010). *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- Cruz, A. C. D. & Arruda, A. (2008). Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(3), 789-806. Retirado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844627016>
- Deschamps, J. C. & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Deschamps, J. C., Vala, J., Marinho, C., Lopes, R. C. & Cabecinhas, R. (2005). Intergroup relations, racism and attribution of natural and cultural traits. *Psicología Política*, 30, 27-39. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/2710>
- Dussel, H. (1993). *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Farret, R. L. & Pinto, S. R. (2011). América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, 12(23), 30-42.
- Gomes, M. S. (2013). O imaginário social < Mulher Brasileira > em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. *Dados*, 56(4), 867-900. DOI: 10.1590/S0011-52582013000400005
- Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 115-147. Retirado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2763903>
- Hall, S. (1996). Introduction: who needs 'identity'? In S. Hall & P. du Gay (Eds.), *Questions of cultural identity* (pp. 1-17). Londres: SAGE Publications.
- Howarth, C. (2002). Identity in whose eyes? The role of representations in identity construction. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 32(2), 145-162. DOI: 10.1111/1468-5914.00181

- Howarth, C. (2006). A social representation is not a quiet thing: exploring the critical potential of social representations theory. *British Journal of Social Psychology*, 45(1), 65-86. DOI: 10.1348/014466605X43777
- Jahoda, G. (1999). *Images of savages: ancient roots of modern prejudice in Western culture*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Jovchelovitch, S. (2002). Re(des)coabrindo o outro – para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In A. Arruda (Ed.), *Representando a alteridade* (pp. 69-82). Petrópolis: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2012). Narrative, memory and social representations: a conversation between history and social psychology. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 46(4), 440-456. DOI: 10.1007/s12124-012-9217-8
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoquel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 127-167). Bogotá: Siglo del Hombre.
- Marcu, A. & Chrysochoou, X. (2005). Exclusion of ethnic groups from the realm of humanity: prejudice against the Gypsies in Britain and in Romania. *Psicología Política*, 30, 41-56. Retirado de <http://eprints.soton.ac.uk/359384/>
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European journal of social psychology*, 18(3), 211-250. DOI: 10.1002/ejsp.2420180303
- Moscovici, S. (1961/2004). *La psychanalyse son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Oliveira, F., Cabecinhas, R. & Ferin-Cunha, I. (2011). Retratos da “mulher brasileira” nas revistas portuguesas. In *Anais do VII ENECULT - Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/19851>
- Onuki, J., Mouron, F. & Urdinez, F. (2016). Latin American Perceptions of Regional Identity and Leadership in Comparative Perspective. *Contexto Internacional*, 38(1), 45-77. DOI: 10.1590/S0102-8529.2016380100012
- Organização das Nações Unidas, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2016). *International Migration Report 2015 (ST/ESA/SER.A/384)*.
- Pérez, J. A., Moscovici, S. & Chulvi, B. (2002). Natura y cultura como principio de clasificación social - Anclaje de representaciones sociales sobre minorías étnicas. *Revista de Psicología Social*, 17(1), 51-67. DOI: 10.1174/021347402753408668
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 227-278). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO.

- Sammut, G. (2010). Points of view and the reconciliation of identity oppositions: examples from the Maltese in Britain. *Papers on Social Representations*, 19(1), 9.1-9.22.
- Santos, B. S. (2004). *Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro*. Conferência de abertura ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: studies in social psychology*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- Todorov, T. (1983). *A conquista da América: a questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vergès, P. (2000). *EVOG – Ensemble de Programmes permettant l'analyse des évocations: manual version 2*. Aix-en-Provence: LAMES.
- Wachelke, J. & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526. DOI: 10.1590/S0102-37722011000400017
- Wade, P. (1997). *Race and ethnicity in Latin America*. Londres: Pluto Press.
- Wagner, W., Holtz, P. & Kashima, Y. (2009). Construction and deconstruction of essence in representing social groups: identity projects, stereotyping and racism. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 39(3), 363-383. DOI: 10.1111/j.1468-5914.2009.00408.x
- Wenzel, M., Mummendey, A. & Waldzus, S. (2007). Superordinate identities and intergroup conflict: the ingroup projection model. *European Review of Social Psychology*, 18(1), 331-372. DOI: 10.1080/10463280701728302
- Williamson, E. (2009). *História da América Latina*. Lisboa: Edições 70.

Citação:

Brasil, J. A. & Cabecinhas, R. (2019). Representações sociais e processos identitários: relações (pós) coloniais e a construção simbólica da América Latina. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 318-332). Braga: CECS.